

ARTIGO

Inimigos

IRON JUNQUEIRA
Escritor

Por mais alguém procure evitar fazer inimigos; por mais esforço para não desentender com alguém; por mais seja cioso em não prejudicar o próximo; por mais tenha cautela com as pessoas, no sentido de evitar contrariedades; por mais evite entreveros; por mais faça para conviver em paz com todos; e por mais esforço para não ter inimigos, não tem jeito: eles estão aí, queiramos ou não; infelizmente, é da natureza humana.

Isto porque há inveja, despeito, ganância, enfim, as imperfeições que fazem com que a gente perturbe os outros apesar de não o querermos; o orgulho é pai e responsável por tanto estrago na vida de todos. Esse sentimento faz com que a gente espalhe melindre nas pessoas as mais variadas: cultas, incultas, compreensivas, ignorantes, sábias ou não. Não há quem não escape de ter inimigos. E isso é que faz a infelicidade das pessoas. “Deus privou-me do sentimento do ódio”. Não querendo ser metido a bom, repito esta frase de Juscelino Kubstchek, completando: mas não me isentou da indignação.

Você não pode pensar diferentemente dos outros, que eles o consideram antipático. Pessoa que nunca viu ao fazer uma visita a seu local de trabalho demonstra prepotência ou silencioso rancor, não conseguindo disfarçar a raiva que tem. Vai saber o motivo, termina por ignorar de quem se trata. Incrível! Vi pessoas que nem sei os nomes, nunca as conheceu, o que fazem ou deixam de fazer, de onde vêm, e quando vou perguntá-lhes, sinto o ranço delas; percebo que não têm motivo para gostar de mim, mas também não dei razão para me odiarem; nem sei de quem se trata.

No mundo não há paz por isso. A facilidade com que as pessoas odeiam provém da ignorância: pelo fato de não as conhecer; por coisas que você falou e as feriu involuntariamente; por se tratar de pessoas que se acham poderosas ou importantes demais; por conta do cargo do qual abusam, quando, nesta hora, deviam ser mais educadas, porque tudo passa todo poder é breve, toda riqueza some, toda beleza acaba; não existem, portanto, razões para se odiarem por tão pouco. É a natural imperfeição do homem.

As criaturas se detestam até em nome de Deus: desavenças religiosas; aliás, religião é a maior geradora de conflitos de toda ordem em todo o planeta, principalmente por parte de fanáticos e malucos; não há como duas pessoas – apenas duas! – pensarem igualmente; nem pai

com filho, nem filha com mãe, nem estranho com estranho, nem amigo com amigo, nem filósofos, pensadores e sábios; somos todos distintos em tudo; até na maneira de malquerer, pois há os que odeiam sem motivo. “Onde houver cinco pessoas, duas estarão contra três...” (Cristo) e vice-versa.

Por mais se tente não fazer inimizado não há como evitar. Ela existe naturalmente nas pessoas. Não adiantam considerações proferidas por mestres, educadores, religiosos. Nem os livros lembrando bondade, a força imensa do Amor, a grandeza do perdão. Pode-se escrever o melhor discurso sobre amizade, solidariedade, união, que não adianta: até os santos se tornam inimigos. O Sermão da Montanha não valeu inteiramente. As citações de Francisco de Assis na sua oração podem ser acatadas, mas não são agasalhadas no coração.

Não nos desanimemos por isso. As pessoas são religiosas porque precisam da religião para lhes abrir o entendimento, mesmo que tardiamente. Mas lendo o Evangelho de Cristo, bastaria. A diferenciação de opiniões, de credos, de preceitos, de partidos políticos, de livres pensadores, essas coisas miúdas, jamais deviam interferir nas relações humanas. Devíamos intrinsecamente nos esforçar para sermos melhores. Não apenas para com os amigos porque com estes já o somos, mas prioritariamente para com os inimigos.

É isso.

ARTIGO

Mundo novo

JOÃO ASMAR
Advogado

Ao longo dos anos, - e já são tantos - do meu viver, tenho procurado compreender e aprender as coisas do mundo. E, por mais que me esforce, por mais que tento me aprofundar nos mistérios da mente humana, mais céptico e confuso me encontro.

Guardo como relicário, preciosa herança que, pela magnanimidade e excelsa graça de meu Deus, tão misericordioso, me foi transmitida por minha bondosa e santa mãezinha, dona Amina. Mulher de pequeno porte, de invulgar e sólida sabedoria natural, de inesgotável energia para o trabalho e inteligência luminosa, foi o meu anjo tutelar, a benção no meu existir.

Deu-me lições diárias e contínuas, ministradas no aconchego do lar, em noites escuras e frias ou em manhãs radiantes, que se fixaram em mim, como luzes a me guiarem pelos caminhos emaranhados do mundo.

Dentre tantos, quando alguém, seu patrício, já muito rico, vinha a nossa mesa, para alimentar-se, mas, que, no dia a dia, lá fora, tornava-se sovina e miserável, lamentando os gastos de dinheiro com o seu próprio sustento, ou até com a necessária vestimenta, ela juntava:

“Deus dá a carne pra quem não tem dente”.

E nós, seus filhos, ainda meninos, compreendíamos bem o significado do que ela dizia. Aquele homem tinha recursos, muito dinheiro, e devia aproveitar-se, alimentando-se e vestindo-se de modo melhor. Não assim, esquelético, faminto, com roupas poídas, amassadas, surradas.

Quando, entre irmãos, surgiam pequenas desavenças, por motivos insignificantes, que provocam contrariedades em algum,

com paciência, brandura e sabedoria, ela contornava a situação, estendia o braço e mostrava a palma, ainda molhada, justificando:

– “Os dedos não são iguais, mas unidos à mão, trabalham para o bem do corpo”. – Assim é a família.

Por vezes, quando as dificuldades, financeiras ou econômicas, desafiavam a nossa capacidade, com serena expressão, tranquilamente, sentenciava:

– “Não há bem que sempre dure e nem mal que nunca se acabe”.

No vai e vem dos dias, ensolarados e alegres, ou nublados e tristes, com o tempo de seca e provações, ou de chuvas em abundância, fui me acostumando aos embates, superando, com cautela e otimismo, as quadras mais difíceis.

Como menino pobre, filho de imigrantes, discriminado e complexado pelas limitações, pouco a pouco fui tomando conhecimento das responsabilidades e aprendendo a viver, tendo, como apatúrgio, a liberdade. Sim a liberdade, fundamento precioso da preocupação de meus pais. Ser livre é o supremo bem.

No campo das aspirações materiais, com inspiração no Santo Evangelho e na graça do Senhor, meu Deus, sempre presente em meu pensar, fixei o objetivo ideal, felizmente alcançado.

Essa inabalável decisão, proporcionou-me a tranquilidade para a vivência harmônica, que me garantiu a necessária resistência para superar as tremendas dificuldades por que passei. Aboli a ambição; abidiquei os sonhos e desejos de divertimentos e regalos, costumeiros, na sociedade do meu tempo; desprezei a vaidade e, pela benção de Deus, pude divisar um mundo melhor, mais simples, mais ordenado, mais bonito e mais feliz.

Então, com convicção e certeza, adotei o princípio que me sustentou em toda caminhada:

“Desde que eu tenha o agasalho - a roupa que cobre o meu corpo; o teto - a casa onde morar; e o pão - alimento que me garante a vida, nada mais desejo, porque tudo o que sobrar, estará faltando para al-

guém, o meu próximo”.

Esse fundamento filosófico, exposto por antecipação, foi aceito e acatado pela companheira que Deus me deu, minha encantadora namorada, noiva, tão bonita, minha amada esposa, abnegada e estoica, mãe de nossos filhos, Maria Lúcia, que encheu a minha vida de ternura, amor e paz.

Todavia, na seara da vida social, política, profissional e pública, jamais me conformei com a ignorância, com a mentira, com a miséria moral e cívica, sobretudo, com os desmandos administrativos, usurpação de direitos ou apossamento de dinheiro público.

Por ser liberal e liberto, não me tornei escravo de nada e de ninguém, nem da vaidade, nem da fama, do orgulho, das riquezas materiais, da arrogância, da subserviência aos poderosos, nada! Sempre fiel ao postulado da liberdade, procurei alardear as verdades que conduzem o homem ao usufruto da paz e da felicidade.

O trabalho, então, imposto à espécie, desde o aparecimento do primeiro homem, que recebeu a sentença: “comerás o pão com o suor do teu rosto”, foi o caminho certo e invidável que me conduziu ao longo de tantos lustros.

Com oitenta e seis anos sobre o costado, embora com o físico desgastado, com a força do espírito, ainda resisto e me desgarrado da terra, como ser alado, a percorrer o grande universo.

Com a velocidade espantosa, que nenhum engenho ou máquina inventada pelo homem consegue imitar, viajo para além. Visito planetas, percorro as galáxias, e pouso e repouso em qualquer lugar da terra, que não me é estranha.

Essa coisa, inigualável e indescritível, que acompanha a criatura, a que deram os nomes de mente, pensamento, raciocínio, agora, para mim, quando a vida vai chegando ao ocaso, me desperta, me alegra e me encanta. Viajo, sim, em todas as noites e a cada momento, quando fecho os olhos, vejo o encanto e a beleza de um MUNDO NOVO.

ARTIGO

Rodada Doha e a boneca inflável

Estancou-se a negociação que permitiria derrubar ou reduzir barreiras comerciais entre as nações, cujo êxito beneficiaria sobretudo aqueles que dependem de exportação agrícola. O grupo de países mais ricos do mundo reiterou que o livre comércio, para eles, significa apenas vender mais e manter travas às importações. Os demais países são aconselhados a fazer o que pregam os governos e instituições financeiras sediadas no lado rico, enquanto este segue caminho diferente.

O que se chamou fracasso da última negociação da Rodada Doha, realizada em Genebra, não é mais que uma conclusão previsível. Embora nosso Ministério das Relações Exteriores e chefe de Estado tenham exercido bom papel, o Brasil é um gigante que, às vezes, finge brigar como gente pequena. A prioridade deve ser o abastecimento do mercado interno e o desenvolvimento de produtos e serviços que os países mais ricos não tenham como recusar.

A maior queixa dos países em desenvolvimento, em cuja categoria se insere o Brasil, refere-se à dificuldade de exportar produtos agrícolas aos Estados Unidos e União Européia devido aos subsídios e taxas que encarecem a importação. Empregam-se medidas artificiais ao livre mercado para frear a entrada destes produtos, que são muito competitivos, ou seja, mais

baratos e de melhor qualidade que o que produzem lá, como café, laranja e soja.

Defendo que os países em desenvolvimento diversifiquem seus produtos de exportação e aumentem o investimento em ciência e tecnologia. É inviável que o Brasil continue concentrando as exportações no setor primário e negligenciando o desenvolvimento de produtos industrializados e serviços inovadores. Agrega-se tecnologia à agricultura, porém os países ricos não dependem do que o Brasil exporta, ao contrário dos computadores e componentes hospitalares que nos chegam.

Desde 2001, a Rodada Doha leva este nome porque surgiu no encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Doha, capital do Qatar (Península Arábica, Ásia). As reuniões posteriores realizaram-se em Cancun (2003), Genebra (2004), Paris (2005), Hong Kong (2006), Potsdam (2007) e novamente em Genebra (2008). A iniciativa substituiu a Rodada do Uruguai, que se realizou entre 1986 e 1994 com o objetivo semelhante de facilitar o comércio internacional, mas promovida pelo Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT, da sigla em inglês).

O grupo dos países mais frescos do mundo, quer sejam chamados de centrais ou desenvolvidos, poderia ter aceitado as propostas da diplomacia brasileira, mas não o fez para defender seus

interesses comerciais e forçar a negociação de acordos bilaterais. Desde quando falhou o projeto continental da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) em 2005, o Brasil tem sido a ovelha negra das negociações em prol de acordos bilaterais de comércio na América Latina.

Os Estados Unidos bombardeiam países ditos terroristas (alguns lamentavelmente se convencem disso) com armas de última geração e lá deixam tropas militares como se fossem donos do pedaço. Nas nações em desenvolvimento, os estadunidenses despejam seus produtos eletrônicos, que criam uma necessidade cada vez maior de tê-los em casa, no escritório e na escola. Os computadores pessoais e o uso da rede mundial introduziram novas atrações e serviços, como o sexo virtual.

O Brasil havia sido a boneca inflável dos países mais ricos: brincam, puxam, enfiam e gozam. Hoje, porém, começa a mostrar que pode participar das discussões de gente grande sem a frescura que caracteriza o clã dos que fingem negociar e não cedem. O Brasil encontrou dificuldades, não conquistou o que queria, mas despertou-se para o tipo de desenvolvimento que deve buscar. Não dá mais para aceitar que nosso país sujeite suas decisões.

Bruno Peron Loureiro
é latino-americanista.

PROPAGANDA ELEITORAL



JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Av. Goiás, 776, sala 302 (Ed. Glória)
Cep: 75025-090
Fone: 3099-6100

- Impressão:
WAN Comunicação

Editor Chefe: Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)